

DADOS DE PESQUISA

Material suplementar do artigo *Vivências de aprendizagem no processo de aquisição do Português Brasileiro como Língua de Herança: crenças e atitudes na perspectiva de um falante de árabe*

Supplementary material of the article Learning experiences in the process of acquiring Brazilian Portuguese as a Heritage Language: beliefs and attitudes from the perspective of an Arabic speaker

APÊNDICE A – RELATO AUTOETNOGRÁFICO

O meu contato com o português iniciou desde que eu era pequeno, melhor, desde que eu nasci. Mas somente como ouvinte, nunca fui, pelo menos até 2015, falante de português. Para contextualizar meu contato melhor, vou falar um pouco sobre o meu panorama. Primeiro eu sou sírio brasileiro, filho de um pai sírio e uma mãe brasileira. Filho único e sempre fui independente dos meus pais. Falo isso que meus pais me ensinaram a ser assim. Sempre convivi entre adultos e isso de certa forma me deu um amadurecimento diferente das pessoas da minha geração, e isso ainda mais por causa da diversidade cultural em casa. Minha mãe sempre trouxe elementos de cultura e língua portuguesa. Sempre falava comigo em português e sempre fazia comida brasileira, sempre me falava sobre o Brasil e como ela vivia no país.

O interessante é que compartilho muitos detalhes com minha mãe em relação à rota de vida, por exemplo, o meu contato de português se consolidou, eu diria, quando eu vim para o Brasil para aprender a falar português e terminar meu ensino médio e iniciar minha vida acadêmica, isso com 18 anos de vida. No caso da minha mãe, o contato com a língua árabe se consolidou, também, quando ela foi para a Síria e, assim como eu, ou melhor, eu como ela, com 18 anos. E digo que consolidou, na situação dela, porque ela é descendente de sírios, mais especificamente, os pais dela que são sírios. Com isso, acabou me dando um horizonte diferente das duas línguas, me dava uma certa crise, desde pequeno mesmo, de identidade. Eu já não sentia que era sírio quando morava na Síria, e hoje certamente nem é próximo disso, porém vem os momentos que também sinto o mesmo no Brasil, apesar de ser brasileiro, como cidadão mesmo, passo pela mesma crise. E isso me batia muito, parecia uma guerra interna que nunca acaba.

Agora mesmo escrevendo isso me vem muita história na memória e acabo sentindo emoções inexplicáveis dos momentos que passava e continuo passando, né! Hehe.

Mas vamos lá! Eu vim para o Brasil em 2015, com o intuito de aprender a falar português, terminar meu ensino médio e iniciar a trilha acadêmica, como dito anteriormente. O que eu não falei antes é que minha mãe sempre falava comigo em português, mas eu sempre a respondia em árabe. Entendia muito bem, e minha mãe cada vez me questionava “por que não tá falando em português?”, e eu respondia que não sabia como falar, eu só consigo te entender. Isso acabou sendo um motivo e tanto para eu vir para o Brasil. Então cheguei. E a primeira coisa que me chocou foi a liberdade que nunca experimentei antes na Síria. Essa



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial No Derivative, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais, sem alterações e que o trabalho original seja corretamente citado.

liberdade eu refiro para mais especificamente intelectual e comportamental. Acho, ainda hoje, que a liberdade que tem no Brasil é muito perigosa a meu ver, como fico pensando que pode ser aproveitado para algo muito positivo, mas tanto quanto para negativo. Sem limites, vivemos uma certa sobrecarga do mundo, e foi o que eu senti no início. Na Síria já é o contrário, só tem limites, então você já “sabe” o que você quer fazer na vida. E reforço “saber” entre aspas, pela questão de a gente é obrigado a seguir certos vieses, certas tradições, etc. Eu sinceramente não sei como explicar isso muito bem, porque era tão natural, que quando vi algo diferente disso me impactou de maneira crucial e fiquei mais, por falta de palavras, paralisado. Mas então, cheguei e tinha que aprender a falar português, assim eu fui estudar português no Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Cheguei com minha mãe no centro para me matricular. Lá, a minha mãe disse que era melhor que eu comesse do primeiro nível, que eu entendo, mas pouca coisa, mas falo e escrevo nada. Vale ressaltar que, na minha infância, a mãe tentou me ensinar português, mas eu não dei muita bola para isso mesmo. Mas depois chegou o momento que tinha que dar mais atenção e valorizar. Por motivo qualquer, a professora coordenadora estava descendo a escada da secretária, e ouviu minha mãe explicando sobre a nossa história e que estou me mudando para o Brasil e que estou com o compromisso de aprender o idioma. A professora perguntou se entendia nada mesmo ou se eu falava alguma coisa, isso para minha mãe. Ela falou que eu entendia, mas que respondia em árabe. Mesmo assim, a professora decidiu fazer um teste rápido, oral mesmo. Ela me fez três perguntas, as quais foram sobre meu nome, minha idade e onde nasci e vivi. E para todas eu respondi objetivamente com uma palavra. O que foi um choque para mim e minha mãe. Eu nunca consegui me soltar “tanto”, mas acho que queria mostrar que eu prestava atenção e tentava verbalizar algo em português, o idioma mãe dela no caso. A coordenadora falou para ela que eu a entendi muito bem, mas que eu realmente respondi objetivamente certo. Então ela sugeriu que não precisava que comesse do zero, ou começaria no básico 2 ou 3. Então me decidi me inserir no básico 3. E minha jornada com português começou...durou um ano e dois meses só no Celin. Assistindo 3 horas de aula todos os dias. Isso para mim foi tão desafiador e que ao mesmo tempo muito divertido. Acabei valorizando mais os dois idiomas, o português e o árabe. Incrível como foi isso, porém o desafio foi crescendo e me colocando em situações muito paralisadoras e de testar a resiliência. Eu sofria e, ainda, sofro com umas coisas no português, mas pessoalmente não acho por ser a minha segunda/terceira língua, ou como falamos no âmbito acadêmico, por ser língua de herança, eu sofria de modo geral para me expressar, sofria para falar e escrever, e isso em árabe, em inglês e consequentemente em português. Eu sempre tentei expressar isso de maneira mais clara possível, mas não conseguia, e isso me frustrava bastante. O que eu vejo desse desafio é que eu realmente não tive amadurecimento linguístico ou de língua, de prática social como cidadão. Como eu tinha ciência de muitas coisas, talvez incompletas, mas não sabia como lidar com esse conhecimento, e nem como organizar, para usar.

Isso o que o Brasil me trouxe, o amadurecimento. Eu me sentia muito para trás, mas também via um mundo aberto para eu aproveitar. Eu não sabia o que fazer mesmo, tinha 18 anos e na minha mente pensava que já era para estar estudando na universidade, mas sempre tentava buscar um direcionamento e isso aos poucos, sim, eu consegui, com muito apoio de pessoas próximas, amigos e professores. Enquanto isso, a crise identitária nunca parou, bem ao contrário, piorava, me dava peso emocional que atrapalhava em todo os sentidos, logicamente. Mas, continuando a linha de tempo, depois que estudei a língua por um ano e dois meses no Celin, com 19 anos de idade eu fui para o colégio para finalizar o Ensino Médio. Então me ingressei no colégio Acesso do Boqueirão, no terceiro ano, isso já foi uma outra fase de amadurecimento, não só como cidadão, mas como jovem, a cultura brasileira aqui começou a se inserir mais na minha identidade, apesar que nesse mesmo ano, eu agia de base da minha cultura “mãe” ainda. E também, ao mesmo tempo, uma das professoras que me dava aula no Celin me convidou a assistir aulas de português, pré-vestibular, para migrantes no projeto de extensão Português Brasileiro para Migração

Humanitária (PBMIH). Enquanto eu frequentava o colégio durante a semana, frequentava o projeto nos sábados, durante o ano letivo inteiro. Isso me trouxe muito aprendizado e muito mais apreciação à língua.

Dito isso, finalizei o meu terceiro ano com muita animação e expectativas de conseguir trabalhar e me ingressar na faculdade, porém não foi possível na primeira tentativa, minha nota do ENEM não foi suficiente para eu passar em nenhuma instituição. Aliás, no início eu almejava cursar Ciência da Computação ou Engenharia de Automação. Depois eu interessei muito mais pelo Cinema e Design Gráfico. O meu interesse pela área de Letras foi algo mais superficial eu acho, eu sempre pensei de uma maneira ou outra, por ter minha mãe trabalhando com tradução e por sempre conversar e debater com ela sobre as línguas, especialmente o árabe e português. Mas não me via como professor ou competente para isso, sentia muita insegurança.

Então minhas primeiras tentativas foram para as áreas de exatas. Mas, sem sucesso. Então voltei para Acesso do Boqueirão para fazer cursinho, e fui enfrentar de novo mais um ano cheio de desafio. O que sempre me preocupava no começo era a questão de ter que estudar tudo em português, sendo que não é minha língua materna e tal. Mas os professores me ajudaram muito a conseguir entender, o mais desafiante era as matérias de humanas, exatas foi mais tranquilo por ser muito parecido, era uma questão de memorizar as expressões mais do que entender a matéria mesmo, pra mim pelo menos, me mandava bem nas exatas de modo geral.

Aquele mesmo ano que comecei fazer cursinho, passei por dificuldades financeiras e tava tentando achar um trabalho qualquer para me ajudar a pagar as minhas contas e andar um pouco com minha vida, nessa época já estava morando sozinho e tinha já 20 anos. Meu pai já tinha morado comigo por um ano e meio a dois anos. Mas decidi voltar pelas dificuldades e por não conseguir se adaptar com a cultura e língua. Eu já não queria mesmo voltar para Síria, com tudo que estava passando, isso porque eu cresci e amadureci muito em curto tempo no Brasil. O que eu consegui foi um estágio no Programa de Jovem Aprendiz pelo CIEE. Assim, eu fui trabalhar numa empresa de reciclagem. Durante essa época, eu acabei saindo do cursinho por não conseguir mais pagar a mensalidade.

Depois de seis meses, eu mesmo acabei decidido a me desligar do estágio, porque não era isso que queria estar fazendo na minha vida, e minha mãe me falou que já conseguia me ajudar financeiramente mais. Com isso, surgiu uma oportunidade de eu trabalhar com um amigo meu numa lanchonete de açaí que ganharia mais dinheiro e conseguia dar conta das despesas e ficar mais independente da minha mãe. No meio disso, uma amiga minha entrou em contato uma vez me perguntando dos meus dados e documentos. Eu, por alguma razão, não questionei no início e dei o que ela me pediu, e só depois que perguntei da razão. Ela me falou que tava me inscrevendo num vestibular da PUC, Vestibolsa, que vai ser no final de semana. Mas “eu não tenho como pagar a taxa, Jeni”. Eu disse pra ela. E ela me respondeu: “deixa em aberto que talvez até o final de semana consiga pagar e fazer”. E me perguntou que opção para colocar de curso, e respondi sem pensar: “ah coloca Letras aí”. Concordei com ela em relação a deixar em aberto, não tenho nada a perder mesmo. E por incrível que pareça, eu consegui pagar e fui fazer, fui tentar!!

Uma semana depois saiu o resultado e para meu choque, “EU PASSEI!?” Isso claro num momento, eu não vi meu nome, porque os primeiros 10 colocados que ganharam a bolsa, mas vi que tinha muita gente que passou, e só pesquisei meu nome, e achei. Eu não acreditei, “não tem como, faz mais que seis meses sem estudar nada”. Eu decidi entrar no site e ver os valores da mensalidade. Eu vi que era mais barato que a mensalidade do terceiro. “Ah! vou me arriscar” e fui para a PUC para me inscrever e confirmar o fato que passei. Me inscrevi, não acreditando ainda, e depois falei para minha mãe que vou começar as aulas na universidade em março de 2019. Ela ficou muito feliz, apesar de ter o foco de entrar na federal. Não conseguia explicar meu sentimento, porque era sentimento e tanto, mistura de felicidade e medo. De peso! (E sim, a minha interação com minha mãe em questão de língua ela mudou para o português, não é o árabe).

Vida acadêmica! Isso foi uma escolha que nunca, realmente, imaginei que teria a coragem de fazer. Porque eu não me imaginava como professor, e mais ainda de Português. Mas, nunca me arrependi dessa escolha, foi muito, e continua sendo, muito desafiante. E foi muito prazeroso, especialmente nas aulas de Linguística, e Metodologia de Ensino. Cada vez meu interesse pelas línguas aumentava, mas o meu foco aumentava mais para o contato entre o árabe e o português, que é bem superficial. Algo que me provocava bastante. Mas, vou explicar melhor esse meu caminho e como me trouxe a seguir na linha de ensino, ao invés de tradução, que era o foco principal.

Durante o meu primeiro ano na PUCPR, aqui já estava com 21 anos, já no primeiro período na verdade, comecei me interessar pelas atividades extracurriculares e aprimoramento e apoio que a PUC dá para seus alunos, mesmo que muitos alunos ignoravam ou não sabiam desse tipo de apoio. As disciplinas que eu tive todos foram desafiadoras, isso de forma geral, umas despertaram interesses, outras foram difíceis de lidar. Mas, nesse período, eu conheci o programa Lapeduza, o qual dá apoio ao migrante e tem, também, curso de Língua Portuguesa, além de outras atividades. Eu expressei meu interesse em participar, contando sobre minha trajetória e como passei pelo outro lado da moeda como aluno. E assim começou minha jornada no Português como Língua Estrangeira/Adicional (PLE/A). Eu tentei ajudar mais em dar aula para os árabes, traduzir o material de apoio e as fichas de inscrição para árabe. Fiquei muito entusiasmado com isso, fui lembrando todos os momentos que passei no início quando eu tava no lugar dos alunos, isso acontecia cada vez que olhava para eles e ver suas dúvidas até antes de eles perguntarem em umas ocasiões. No entanto, minha experiência não foi tão satisfatória, porque apesar do potencial que o programa teve em desenvolver seus alunos para uma prática muito mais interessante e em fazer mais parcerias para o seu crescimento e para o benefício dos alunos, sejam do programa ou da licenciatura. O programa era limitado para o uso de material didático específico e política de andamento muito tradicional. Sem formação, sem metodologia e sem direcionamento claro sobre o objetivo. E, certamente, expressei esse meu ponto, e expliquei como eu passava e via o andamento no PBMIH. Porém, a professora orientadora do projeto me acusou de estar cuspindo no prato que estou comendo, e isso me deixou muito revoltado. Pelo fato que ela viu que o que estou fazendo é desmerecendo o trabalho do programa e comparando com o projeto da federal. Pois isso não foi a intensão, porque queria dar sugestões de melhoria e de como podemos andar de maneira mais produtiva no NOSSO trabalho. Isso foi no final do semestre e eu decidi não continuar depois que terminar o semestre.

Então, a minha professora, hoje amiga, que me deu aula no Celin, me chamou e me perguntou se gostaria de voltar no PBMIH como estagiário voluntário, na função de professor. E claro que falei que quero, entrei no processo seletivo e comecei a fazer parte. No processo, eu expliquei minha motivação para me ingressar no corpo do projeto. Afinal, tô voltando ao projeto que me deu a oportunidade de continuar minha vida, me dando todo tipo de apoio, e queria recontribuir para o projeto e ajudar as pessoas que estão passando por situações semelhantes e dar, por meio da minha pessoa, o exemplo de superação, que tudo vai melhorando e que vai dar certo. Fui selecionado para dar aula de português juntamente com uma colega para a turma de falantes de árabe.

Nossa, quanta reflexão, como o mundo da volta e leva a gente para o começo com olhar e amadurecimento diferentes. Depois de quase cinco anos, voltei para o projeto, onde eu aprendia português, para dar aula e passar minha experiência e dar os passos que possam ajudar muita gente, gente prestes a mudar a vida de maneira inesperada. Só que, isso não dependia de mim só, meu receio no início foi a questão de abrir uma porta de intimidade, pelo fato que falo árabe, que possa atrapalhar o aprendizado deles. Portanto, fui pensar que isso pode ser a porta de entrada para se abrirem para gente. Então, fui já desde o início falar para eles que estou aqui para ajudar, nós estamos aqui para ajudar. Eu e a Mariana, a minha colega, fomos conversando de como iríamos fazer, de como vamos planejar os planos de aula e o material. Outro receio meu era eu estar no meu primeiro ano do curso de Letras ainda. Então me preocupava com minha formação e minha posição como

professor. Dito isso, eu dependia muito da Mariana e sua experiência, mais ainda que ela estava fazendo o mestrado dela sobre migrantes de crise e justamente essa nossa jornada junto foi mencionada no mestrado dela. Enfim, por conta da minha apreensão, eu fui mais para atuar como ponte entre a Mariana e os alunos, o que deu muito certo. Eu sempre apontava, para a Mari, os desafios comuns para os árabes, como por exemplo, o tempo verbal, conjugação, particularmente do “ser” e “estar”, o artigo definindo e indefinido, umas pronúncias, diferenças entre “p” e “b” ou “v” e “f” e os vogais com acentos, especialmente o som nasal etc. Isso claro fora da perspectiva cultural. Os árabes, normalmente, ou na maior parte, buscam só aprender gramática e decorar falas, especialmente no início. E isso foi o que exatamente sempre também comentava com a Mariana, isso me incomodava, mas ao mesmo tempo ocupava meu pensamento bastante. Eu não sabia como lidar com isso. Teve temas que interessava para os alunos, outros não, a gente se perdia um pouco em relação a isso, porque às vezes foi bem desafiador captar a atenção deles, outros dias foi muito mais tranquilo captar. A gente sentia uma certa frustração, aqui tentava puxar um pouco eles falando em árabe. E eles sempre refugiaram para mim para tirar a dúvida, raramente que eles tiravam a dúvida com ela, e isso me incomodava, porque de certa forma mostrava que não estavam tentando se esforçar, talvez até eu esteja exigindo o que não deveria, mas pelo menos tentar, né!? Até quando a Mari via que estava tirando dúvida de alguém, ela ia atender os outros que tiveram, mas não aceitavam, que “ele vai ser melhor para eu tirar a dúvida”. A experiência em si foi significativa, revelou muitos pontos para ambos, eu mesmo já sabia que minha experiência como aluno é diferente dos outros árabes. Isso, obviamente, por ter contato com o português desde pequeno. Apesar dos choques, da minha parte, e os desafios, para mim foi mais tranquilo que outros. Eu me consegui me abrir bastante para me adaptar. Enfim, eu e a Mariana discutimos bastante sobre tudo, de como consideramos nossos papéis e conversamos sobre nossos conflitos ao longo do tempo, os quais foram muitos produtivos. Com isso, finalizamos nossa experiência com muito aprendizado e emoção, da minha parte pelo menos.

Pandemia chegou!! E agora? Ferrou tudo!!

Como que vai ser para as pessoas se virarem num país bem diferente para se virar durante esse tempo? O projeto do PBMIH criou e traduziu para sete línguas materiais de apoio e direcionamento para a segurança dos alunos enquanto as aulas estiveram paradas.

Eu nunca parei de pensar sobre essas experiências, mais pela questão de como satisfazer o processo de ensino e aprendizagem para professores e alunos. É muito complexo!! FRUSTRANTE!

Foi um intervalo e tanto essa pandemia...2020...2021...

E chegou 2022, meu Deus. Quanta mudança, espero que tenha sido boa pelo menos ou para melhor... sempre acreditei que a mudança é um bom sinal. E acredito que me amadureci bem durante esse tempo. Voltamos a ter aulas presenciais na universidade e isso foi muito bom, apesar de ter desacostumado já. Engraçado como a gente se adapta rápido. Enfim, o gosto voltou aos poucos mesmo, digo a viver em conjunto e aproveitar o espaço educacional. Com certeza é melhor do que ter que fazer tudo em casa. Escapei da sobrecarga mental de ter que fazer tudo em um único espaço e lidar com todo tipo de desafio. Enfim, fiquei imaginando a situação das pessoas, dos migrantes e de como tinham que lidar com isso durante...de novo, né!? Realmente não parava de pensar nisso.

Com a volta das aulas presenciais, o estágio também voltou a ser presencial, e com isso tive a chance de voltar para o programa Lampedusa da PUCPR-Idiomas e da Diretoria de Identidade Institucional da PUCPR. Então, aproveitei e fiz meu estágio e quando terminei continuei como voluntário no resto do semestre. A experiência foi muito mais gratificante e agradável da primeira vez com o programa. Especialmente de resultado. Me sentia mais confiante e a vontade para dar e acompanhar os alunos, muito mais disposto. Eu sabia e continuo ciente da necessidade de ter mais conhecimento sobre teoria e sobre como aplicar aulas de PLE/A. Mas, o ponto crucial para mim sempre foi saber o que priorizar e como partir uma aula. Eu sentia certa insatisfação ao material trabalhado em aula, sempre lembrava de como foram as aulas quando eu estava no lugar deles. É de encher os olhos de

lágrimas pra mim, no sentido positivo, porque eu sei que seria uma fase para todos e apresentei isso para eles. Ficava preocupado se a gente estava dando o que estavam precisando, se era suficiente. Sabia que a gente estava fazendo nosso máximo, sabia que às vezes sim, o aluno pode estar cansado, entediado. O que foi muito interessante é que tivemos perfis diversos de alunos e de professores que ajudou a ter interação diferenciada cada vez que tivemos encontro. Os desafios não se resumem na parte técnica da língua, mas também na cultura, ideologia e tradições e costumes. Como podemos abordar isso em sala de aula, com passos pequenos, sem necessariamente impor isso?? Eu sentia às vezes obrigado, não por ninguém, mas por mim de ter me cobrado e por ter que me adaptar. Eu não me arrependo de como, afinal teve todo o privilégio, aprendizado e crescimento que formou minha pessoa. Porém, com custo muito pesado, fiquei abalado por um bom tempo com isso, e isso sim pode ser algo muito pessoal, mas será que é algo meu único?? Eu nunca soube como expressar isso, e nem sei se expressei isso bem... enfim, minha preocupação envolve a porta de entrada e de como pode ser acolhida de maneira que não tire a identidade da pessoa de cara, ou se sentir, pela mudança ou novo começo, obrigado a algo com intuito de frustração. É inevitável que a pessoa passe por transformação identitária, mas que seja por harmonia e não conflito. As metodologias de ensino têm abordado isso? Como? Talvez eu esteja exigindo de mais! Eu não sei de onde começar, porque eu não sei como que comecei, foi algo natural por um bom tempo, daí tinha “se radicalizou” e hoje olho para trás e penso como que sobrevivi isso. Grande parte com fé em mim, mas também dúvida faz parte grande desse processo e não sei mesmo como que lidei com isso, as pessoas ao meu redor fizeram a grande diferença. E isso faz parte da educação como professor, fico pensando nisso pelo menos. Desejo conseguir dar uma segurança e apoio para quem precise na simplicidade do processo, e aos poucos despertar interesses, desejos e autossuficiência na sua pessoa. Assim foi minha experiência e quero que outros tenham isso. Não espero retorno, que pra mim já tive o retorno antes de fazer meu dever. Esse é um dos meus papéis, como professor e, como cidadão que com todo meu esforço desejo alcançar.

Depois da entrevista que tive com minha mãe, para mim, tinha muitas coisas que não lembrava do que minha mãe falou, e outras lembro muito bem. Meus contatos, algo que não foi relatado acima, é que ocorreu muito também em casa da vó, vendo TV Globo e às vezes umas novelas brasileiras, que tenho umas lembranças vagas sobre. Outras ocasiões são quando meus tios iam para Síria ao Brasil, levando coisas como CDs da Xuxa, bombons da marca Garoto ou Sonho de Valsa, paçocas da Paçoquita etc.

Ah!, lembro de quando minha mãe, acho que pedia de colegas que iam para o Brasil ou tinham assinatura, recebia a revista *Recreio* e recebia uns brinquedos brasileiros juntos. Uma coisa que lembro muito bem é quando recebia junto com a revista uma pedrinha que precisava cavar para pegar o presentinho dentro dela, acredito que eram tesouros de uma história de aventura. Dependia muito da edição da revista.

APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Etapas/Idade do pesquisador-participante	JK	MH
Etapas 1 - 0 - 17	1. Por que você quis tanto me ensinar português? SE. Como você conseguiu manter sua paciência comigo, apesar do meu pouco	Falava algumas frases em português e árabe, misturava. Fiz isso para te acostumar a ouvir, porque acredito, mesmo que você não entendia nada, ia aprender. Colocava muita música brasileira – Roupas Nova, Raça Negra. Fazia visita a brasileiros (colegas de trabalho) e colocavam também músicas, além de conversar. Contar historinhas para você. A ideia é sempre te acostumar mesmo não reconhecendo a língua, mas que seja língua estrangeira.

	interesse inicial em relação ao português? SE. Em algum momento você sentiu alguma diferença em meu comportamento em relação a aprender a língua?	Quando sua alfabetização iniciou, você começou a melhorar, pois você aprendeu o alfabeto latino, por conta do inglês. Então, eu comecei a te mostrar as historinhas, como Turma da Mônica, que tinha levado comigo para Síria. Com elas, te obriguei a tentar a ler mesmo não sabendo. Te levava às comunidades brasileira, seja na nossa casa, ou restaurante ou até nas casas de outros brasileiros. Com isso, seu contato não se resumiu em ouvir o português, você também tentava a se comunicar com as crianças, que eram um pouco mais velhos. Mas as crianças falavam árabe também. E também, claro, em casa com sua tia e sua vó.
Etapa 2 - 18 - 26	2. O que você achou sobre minha decisão de vir ao Brasil? SE. O que você viu de diferente em mim após a minha vinda?	Continuei falando contigo mais em português e com mais complexidade, mas você só respondia em árabe. E quando eu dava aula em geral ou para o seu amigo que tinha interesse, você começou a participar mais, pois se sentiu incentivado. Você traduzia antes que eu fizesse a tradução ou explicasse para o seu amigo as palavras. Além de dar exemplos de músicas de Roupas Nova, como a música "Dona". Comecei a te incentivar dando uns trabalhos de traduções padrões de documentos como antecedentes criminais e registros civis do árabe para português. Explicava como fazer e você colocava em árabe do lado para fazer por conta. Foi assim até que você foi para o Brasil, que foi uma decisão sua por causa da guerra e porque você não via mais futuro em ficar na Síria. Quando chegou no Brasil você perdeu o medo de falar. Eu vi que ia te fazer bem te deixar no Brasil.

Obs.: SE: pergunta criada a partir da resposta da questão anterior (entrevista semiestruturada).